



BLUMENAU

em **CADERNOS**

TOMO III - Nº 10

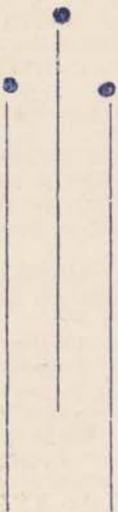
OUTUBRO

1960

Fábrica de Gazes Medicinais Cremer S/A

Rua Iguaçú n.ºs 291 e 363 — Caixa Postal, 80.

Fone 1332



**GAZES E ATADURAS MEDICINAIS
ATADURAS GESSADAS
ALGODÃO HIDRÓFILO
FRALDAS PARA BEBÊS
FAIXAS HIGIÊNICAS PARA SENHORAS
ARTIGOS DE PRIMEIRA QUALIDADE**



BLUMENAU

em CADERNOS

Tomo III

OUTUBRO DE 1960

N.º 10

O VALE DO ITAJAÍ EM 1855

Para fins de propaganda de sua colônia na Alemanha, e melhor esclarecimento dos emigrantes que, para ela pretendessem vir, foi elaborado um mapa, anexo ao folheto que o dr. Blumenau escreveu, fez publicar e distribuir fartamente naquele país.

Reinhold Gaertner, sobrinho do dr. Blumenau juntou, a êsse mapa, as seguintes valiosas explicações, de grande valôr histórico:

“O rio Itajaí-açu é o maior da província sul brasileira de Santa Catarina e o único que, nascendo no planalto central, rompe a Serra Geral que o delimita com a zona litorânea, correndo rumo leste para desaguar no Atlântico. O comprimento de tôda a bacia é de, mais ou menos, doze milhas, sendo a largura de cinco a seis.

Seus afluentes principais, na margem direita, são: o Itajaí-Mirim, o Gaspar Grande, o Garcia, o Velha; na margem esquerda: o Luiz Alves, o Belchior, o Taipava Grande, o do Têsto e o Benedito com o Rio dos Cedros.

Embarcações de calado até doze pés ingleses, podem entrar-lhe a barra e subir algumas milhas. Até a localidade de Belchior, o rio é navegável por maiores embarcações costeiras; até a colônia Blumenau, porém, podem subir, apenas, pequenos iates. Uma milha acima da sede da colônia — mais ou menos sete milhas distante da barra, — tem o rio um salto de 30 a 35 pés, que está dividido por um bloco rochoso em três braços que formam, com a largura total de 800 a 1000 pés, e as margens cobertas de matas virgens, eternamente verdes e silenciosas, um cenário imponente e pitoresco.

Acima do salto o rio é, por vêzes, navegável por barcos maiores, variando, entretanto, com trechos de fortes corredeiras. Nas três primeiras milhas, além da barra, o solo marginal é de formação leve, barro em mistura com areia. Mais adiante, entretanto, onde também começam os estabelecimentos dos colonos alemães, o solo torna-se mais pesado, aumentando de fertilidade com a altitude da região.

As terras de tôda a bacia estão cobertas de florestas naturais, cujo valor, pela existência de madeira de lei, com árvores altas, de troncos grossos, aumenta, igualmente, com o solo mais fértil.

O Departamento Imperial de Terras, referindo-se no seu último relatório à pequena colônia alemã, um pouco rio abaixo da colônia Blumenau, conhecida também por “Colônia alemã Itajaí”, diz o seguinte (pág. 25): “As terras são muito férteis e passam pelas melhores da província”. E, no mesmo, sôbre a colônia de Blumenau, página 27: “As terras são fertilíssimas e, como já foi dito em outra parte, passam por serem as melhores da província”.

Pastagens naturais só existem às margens do rio principal e dos seus afluentes, como dos ribeirões maiores. Fornecem, nesse espaço restrito, boa quantidade de forragens, sadias e nutritivas, durante o ano todo.

A região é formada, quase que inteiramente, de colinas, existindo, entretanto, também grandes extensões de terra plana, principalmente na margem direita, entrecortadas de numerosos córregos, maiores ou menores.

O Itajaí pequeno comporta, na extensão de uma e meia milhas de seu curso, a navegação de embarcações costeiras. Dali em diante, devido à sua pouca profundidade é navegável, apenas, por barcos pequenos ou canoas, estendendo-se, por várias horas, calmo e sereno em suas águas, pelas suas inúmeras curvas. Mais para cima, o leito torna-se menos sinuoso, mas, em compensação, mais rápido do que o do rio grande, razão porque a navegação é mais difícil até para pequenas embarcações. Mesmo assim, o movimento no mesmo é considerável.

A existência de engenhos de serrar e da criação de gado, em relação à população pouco numerosa, é bem maior do que a do Itajaí-Açu.

No curso inferior, as margens do Itajaí-Mirim são baixas e as terras circunvizinhas também, sujeitas, assim, a enchentes. Mais para diante, o terreno se eleva bastante, o solo é fértil e existem boas pastagens naturais. O clima é salubre e agradável.

Em todo o vale, são poucas as regiões pantanosas e, estas, só nas proximidades da costa e de pouca extensão. Durante o verão, se revê, por volta do meio dia, a brisa do mar com a aragem que, desde manhã cedo, sopra por todo o vale, vinda da região serrana.

Há dez anos passados, estabeleceram-se os primeiros alemães no Itajaí-Açu, vindos da Colônia São Pedro de Alcântara, distante dois dias de viagem. Um grupo de homens resolutos veio de lá, subindo o rio em busca de madeira de lei, falquejando pranchas e serrando tábuas, o que, naquele tempo, como não existissem engenhos de serra, representava empreendimento bastante lucrativo.

Nesta ocasião, observando a fertilidade do solo e a excelente situação da região, solicitaram do governo da província a concessão de terras, que lhes foram outorgadas em lotes de 200 geiras para solteiros e de 400 a 500 geiras para famílias, fundando, assim, a pequena colônia alemã "Itajaí". Essa gente progrediu depressa, atraindo famílias de outras regiões — das quais algumas se estabeleceram no Itajaí pequeno — instalaram engenhos de serrar e construíram uma capela, na qual católicos e protestantes, em perfeita harmonia, celebravam seus cultos religiosos, tendo alcançado um padrão de vida bem alto, quando o dr. Blumenau lá se estabeleceu também, para atrair uma imigração organizada, em maior escala.

Os primeiros colonos, que então chegaram da Alemanha, encontraram, assim, patrícios já arraigados no local, recebendo, destes, conselhos e auxílios desinteressados, facilitando, dessa forma, o início da colônia Blumenau, estabelecida logo adiante da já existente.

Fora da colônia de Blumenau, moram no Itajaí grande 45 a 48 famílias alemães e 60 belgas. Nos dois rios moram, mais ou menos, 2.000 brasileiros e 26 negros e multos alforriados de ambos os sexos e 81 escravos do sexo masculino e 137 do feminino, constituindo cerca de 450 fogos. No Itajaí pequeno moram 12 famílias alemãs.

Dos mencionados brasileiros, está morando a maior parte na freguesia do Santíssimo Sacramento, e, 260 a 270, em mais ou menos, 60 casas, no trecho entre o pôrto e a barra do rio Itajaí pequeno.

Nesta barra está sendo preparado um pôsto de recepção pelo governo imperial, sob a orientação do dr. Blumenau, tendo sido concluído já um espaçoso abrigo para imigrantes, podendo acolher, com hospedagem gratuita, aqueles que, no princípio do ano vindouro, queiram emigrar, embarcando nos grandes veleiros que, de Hamburgo, zarparão diretamente àquele lugar.

Na freguesia do pôrto, encontram-se estabelecimentos profissionais alemães: quatro negociantes, um hoteleiro, 1 pedreiro, um sapateiro, 2 marceneiros e um alfaiate. A freguesia é sede de pároco católico, de juiz de paz, de tabelião e de delegacia de polícia, à cuja disposição se encontram estacionados três praças. Existe ainda uma escola pública para meninas e rapazes.

A colônia de Blumenau, junto com a maior parte do arraial, que abrange ao todo mais de 12 léguas quadradas, ou seja, perto de 10 milhas quadradas, está situada na margem direita do Itajaí, estendendo-se sobre o Gaspar, o

Garcia e o Veba em direção para o oeste e sul. Os dois abrigos para colonos, recém-chegados à sede, encontram-se perto da embocadura do ribeirão Garcia, em cujo vale se estabeleceu a maior parte dos colonos lavradores.

Na colônia existe uma atafona e engenho de óleo, movidos à água e um engenho de serrar se encontra um pouco adiante, onde um segundo já está sendo projetado.

O pôrto de Itajaí possui apenas seis embarcações, entre maiores e menores, mas é frequentado, também, com regularidade, por navios do Destêrro, Laguna, São Francisco e Rio de Janeiro. A partir do ano que vem, o pôrto será incluído na rota de um vapor que fará comércio de cabotagem entre o Rio de Janeiro e Destêrro, escalando nos portos de alguma importância neste trajeto entre as duas capitais.

Exporta-se principalmente: pranchas, tábuas, madeiras para construções, no valor de 90 contos de réis (68.000 talers); açúcar, no valor de 85 contos de réis (65.000 talers); aguardente no valor de 25 contos de réis (20.000 talers), além de feijão, um pouco de farinha de mandioca e boa quantidade de peles não curtidas, por não se ter estabelecido ainda nenhum cortume na região.

Até data recente, existiam caminhos propriamente ditos só na costa, onde um, em direção norte, conduz a São Francisco e, de lá, à província do Paraná e à cidade serrana de Curitiba. Para o sul, segue o mesmo por Pôrto Belo e Tijucas a Destêrro e, de lá, à província do Rio Grande do Sul, ao pôrto do mesmo nome, à capital, Pôrto Alegre e à florescente colônia alemã de São Leopoldo, bem como a Lajes, na região serrana. Ambos os caminhos são muito movimentados.

Do último lugar citado, vem todo o gado de corte para o suprimento de carne da província, como cavalos e muares, enquanto gêneros, como açúcar, aguardente, café e artigos manufaturados para a região serrana, são adquiridos na capital da província.

Os caminhos nas margens do Itajaí grande e pequeno, foram beneficiados com melhoramentos custeados pelo govêrno provincial, no ano passado, enquanto pelo govêrno do país foi concedido, recentemente, ao dr. Blumenau, uma verba para transformar o primeiro em uma boa estrada. É, para tôda a população, uma necessidade de importância capital que essa estrada tenha continuação, através tôda a extensão do vale, até a região serrana.

Com a população que vai se estabelecendo, em número sempre crescente, subindo as margens do rio, a distância para lá vai diminuindo cada vez mais. Os caminhos atuais, que ligam o altiplano com o litoral, tanto na província de Santa Catarina, como na vizinha do Paraná, são de forte aclave e permitem, apenas, o transporte das mercadorias no lombo de muares. No vale do Itajaí, entretanto, pode e será construída uma boa rodovia e, nela, desenvolver-se-á considerável movimento.

Nas margens dos dois rios, a população na parte superior, é constituída, unicamente, de alemães, e cada um destes moradores, logo que integrado nas novas condições de vida, compenetra-se da importância de tal via de comunicação, oferecendo, conforme as possibilidades, a colaboração efetiva para a realização deste plano e, com o auxílio do govêrno, e esforço do dr. Blumenau, dentro de poucos anos chegaremos a ver realizado o objetivo por todos almejado.

A formação rochosa, mais comum no Itajaí grande é a pedra lioz vermelha e o granito; a do rio pequeno é o chisto micáceo. De minerais, são encontrados ferro e cobre. A exploração do último, é de se supor seja lucrativa quando, pela imigração mais numerosa, a mão de obra se tornar mais acessível. Existe carvão de pedra na região sudoeste, em direção às montanhas. Encontra-se ouro em pepitas, especialmente no Itajaí pequeno, e espessos lençóis de cascalho de quartzo. Em tempos passados, existiam ali importantes garimpos, o que é comprovado por numerosos amontoados de cascalho lavado. Nos últimos tempos, felizmente, este negócio não está mais sendo explorado.

A caça, nas florestas extensas, com os múltiplos córregos, é lucrativa, consistindo, principalmente, de antas, veados (espécie de antílope), porcos, tatus, pacas, capivaras, cutias (tem muita semelhança com o coelho europeu) e macacos de diversas espécies. De aves há: jacus, com espécies, às vezes, de tamanho maior do que a galinha doméstica, macuco, nhambú, jaó, uru (parecido

com as perdizes européias, vivendo, como estas, em famílias), papagaios de diversas qualidades e pica-paus.

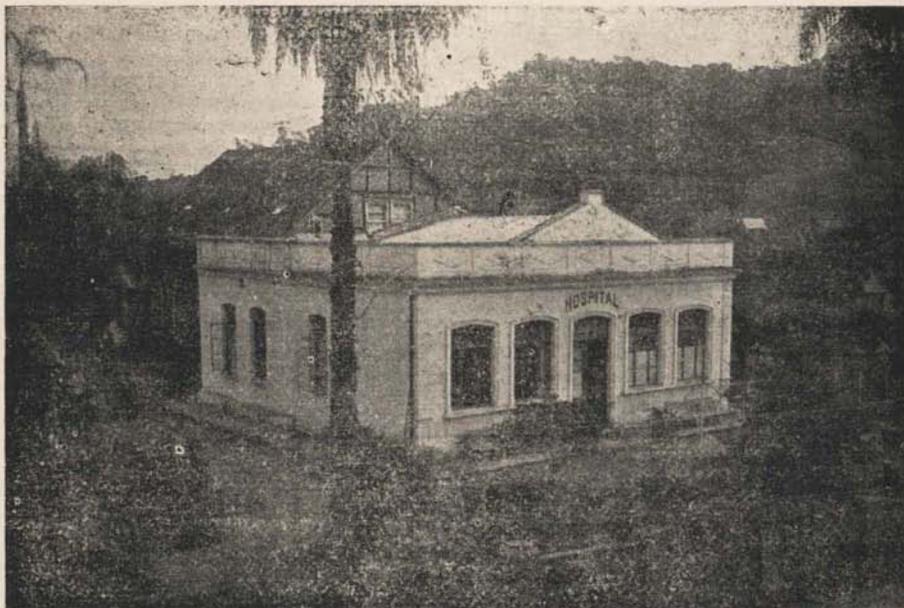
Durante a época do inverno, grande parte da população abastece-se, para a maior parte do seu consumo de carne, (o que se dá, segundo o costume da região, em três refeições diárias) com caça, abatida a tiro ou apanhada em armadilhas.

A pescaria é igualmente lucrativa, fornecendo diversas qualidades de peixes saborosos, entre os quais se destaca um peixe voraz, a traíra, que alcança o peso de 16 a 18 libras (8 a 9 quilos). Uma outra espécie, o bagre, peixe de água salgada, que sobe o rio para desovar, é pescado, aos milhares, de agosto a outubro.

Um aspecto maravilhoso apresenta o Itajaí, desde o início do estabelecimento dos alemães. Suas barrancas cobrem-se de plantações de inhame e bananeiras; mais ao alto se encontram as casas, simples mas espaçosas, com os galpões dos engenhos, cercados de árvores frutíferas em flor, ou em plena produção, como laranjeiras, pessegueiros, mamoeiros etc. Muitas vezes, os cami-



O velho Blumenau



Eis como era o nosso hospital Santo Antônio, o hospital municipal, nos primeiros lustres deste século. Sua construção foi terminada em 1877, quando também foram as igrejas protestante e católica, esta já demolida para dar lugar à atual e também a casa da direção da colônia, que serviu depois para sede do governo municipal. Embora modesto em suas proporções, deficiente nas suas instalações, carente, praticamente, de tudo quanto se requeria num bom hospital, o hospital municipal, tanto no tempo da colônia, como no do município, prestou relevantes serviços à população blumenauense. Hoje está transformado num nosocômio que, se não iguala aos mais bem instalados do país, tem um prédio magnífico e está dotado do mais necessário a uma assistência tanto quanto possível perfeita.

nhos que conduzem ao jardim passam sob carramanchões de parreiras. Cafézais, canaviais e plantações de milho e batatas intercalam-se nas pastagens onde vacas, bois e cavalos respigam a grama tenra, sem guardas, nem pastores.

Tudo isso, porém, casas, plantações e pastos nada mais são que simples moldura para o rio, de largura, talvez, menor que a dêste, pois o mais, até onde a vista alcança, é mata fechada, virgem, que no seu silêncio magestoso, impressionante, acena para que mãos operosas e eficientes a venham transformar em exuberantes searas. (Ass.:) Reinholdo Gaertner, Consul do Ducado de Brunswick.



Flagrantes da História de Rio do Sul

VICTOR LUCAS

Estamos, exatamente, no ponto em que iniciamos estas crônicas, isto é, na dos seus audaciosos desbravadores, que, sem auxílio algum e, por sua própria época em que Rio do Sul e todo o seu vasto "hinterland", aguardava os braços conta, tomaram a si a tarefa de invadir os sertões e impor-lhe a sua lei, a lei do trabalho e do sacrifício. Onde os grandes falharam, a tenacidade do homem rude e simples conseguiu a sua mais legítima e brilhante vitória. Diminuir-lhe o mérito e negar-lhe o nosso tributo de gratidão, é negarmo-nos a nós mesmos e aos princípios que nortearam os grandes feitos. Estamos acostumados em cortejar os vultos políticos e militares, mas dificilmente alguém se lembra daquêles que, no anonimato, travam uma luta de gigantes, sem olhar o preço e sem nos pedir outra cousa, que não justiça. Façamo-la hoje, aqui mesmo, sem diferenças de raça, ou côr, ou religião, ou pendores.

Estamos ainda no ano de 1883. Era a época em que Blumenau, indiscutivelmente, se não liderava, pelo menos influia, profundamente, na política da Província. Estabeleciam-se os primeiros redutos de liberais, os quais entraram em violentas polémicas com os monarquistas. Estas polémicas, no fundo, eram estéreis e criavam situações embaraçosas na incipiente colônia de Blumenau. Ao lado do semanário "Blumenauer Zeitung", apareceu outro jornal, o "Imigrant", em cujas páginas os adversários políticos terçaram armas. Estas duas correntes, não mediram esforços para provar ao colono simplório, com as suas retaliações pessoais, venenosas e jocosas, que êle tinha razão, quando se desinteressava e abandonava os grupos em luta, que melhor teriam aproveitado o tempo, se se interessassem pelos assuntos atinentes à velha colônia, que se desgastava e perdia em influência junto ao governo central. Assim, em 25 de agosto de 1883 (Bl. Ztg. nr. 35) um grupo de homens, da maior projeção política, da Colônia Blumenau, verificando, com pesar, o rumo que iam tomando as cousas, fêz um apêlo caloroso aos dois jornais para que acabassem com as retaliações pessoais, pois, não interessavam à maioria dos leitores, prejudicavam Blumenau e solapavam a fama da velha colônia. Este apêlo traz a data de 14.8.1883 e é assinado pelos srs. Otto Stutzer, A.A. Persuhn, A.H.v.Hartentahl, Gustav Salinger, Fr. Lungershausen, A. Meldola, secretário, Louis Altenburg, C. Friedenreich, H. Clasen, Andreas Grassmann, Jacob Graeser, Peneder, Hugo, Riedel, Bernhard Hoepner, F.V. Ockel, L. Knoblauch, H.A. Meldola, J. Baumgarten, F. Faust, H. Koehler jr., E. Gropp, G. Grahl, G. Hindelmeyer e Fr. Rabe.

Não devem julgar os amigos leitores, que êste apêlo, feito com o intuito de pacificar a colônia e criar condições mais favoráveis, na defesa dos interesses locais, tivesse tido o menor resultado; bem ao contrário. Ligados demais estavam os costumes desta colônia aos da velha Alemanha, onde também grandes grupos de capitalistas se degladiavam, ferozmente, lutando pela liderança na colonização do Território Sul Americano, especialmente o Brasil, onde Blumenau ocupava um lugar de invulgar destaque. A esta luta intestina deve-se a destituição do Dr. Fritz Mueller do Museu Nacional, com grande repercussão até na Inglaterra, que seguia, atenta, o movimento da Alemanha Imperialista nos seus impetos de grandeza. Mas não era o Dr. Fritz Mueller a única vítima. Tam-

bém o nosso velho e honrado Dr. Blumenau não resistiu aos ataques dos seus adversários, como vimos, tendo sido exonerado do seu cargo de diretor da velha Colonia Blumenau, com o que a colonização perdeu um timoneiro dos mais honrados e perseverantes.

Enquanto o primeiro, pelo seu temperamento irascível, recebeu a sua destituição conformado, pois, como figura de escól no mundo científico, se imiscuia em assuntos que, bem pensado, não eram de sua alçada, como verificamos nas suas polémicas, com fundo religioso, e na qual se celebrou o Padre Jacobs, com o seu rumoroso processo, onde foi condenado a 3 meses de prisão. Parecia que o nervosismo nacional se refletiu, com tôdas as mazelas, sôbre a nossa colônia, que ficou grandemente prejudicada em seu desenvolvimento e no seu expansionismo. Com o afastamento do Dr. Blumenau, Rio do Sul, sômente apareceu nas crônicas locais, em ligação com algum desastre, ou quando se abordava a construção de uma ligação entre Curitiba e Blumenau. Assim, em 24 de outubro de 1885 (Bl. Ztg. nr. 43) apareceu no jornal da época, a seguinte nota: "o piquete, composto de 6 pessoas, enviado para Lontras, para varrer a região dos bugres, voltou, infelizmente, com a triste notícia de que não foi possível rechaçá-los, pois, os bugres continuam, como antes, infestando a zona. Que um piquete tão reduzido não pudesse apresentar melhor resultado, era de todos reconhecido. Este grupo restringiu, assim, a sua atividade na observação dos bugres e a direção que tomariam. O movimento, como foi possível verificar pelos indícios, inclinou-se para a região do Garcia; cumpre-nos advertir este Distrito, para que os seus moradores não sejam surpreendidos. De acôrdo com as informações recebidas, por intermédio dos caçadores bugreiros, os colonos estimam o número de bugres atacantes em 60 homens".

De fato, esta advertência, dirigida aos moradores do Garcia, teve a sua confirmação, em data de 17 de abril de 1886, quando os bugres mataram o colono Sprung, que estava ocupado com a derrubada de madeira, bem assim, punham em sobressalto as serrarias pertencentes a Guilherme Schreiber e Jacó Schmitt, que fecharam-nas, em virtude de não mais conseguirem trabalhadores para o falquejo e puxadas.

Celebrizou-se, assim, esta região, que mais tarde viria a ser o nosso Rio do Sul, pela selvageria aqui reinante, tendo como protagonistas o gentio, implacável nas suas vinditas, e dos quais teremos ainda alguns exemplos dignos de cável nas suas vinditas, e dos quais teremos ainda alguns exemplos dignos de especial nota, pois, espelharão as condições inerentes ao Alto Vale do Itajaí, que aos poucos despertou o interesse dos homens de Blumenau, dentre os quais se destaca, indiscutivelmente, Gustavo Salinger. Vêmo-lo como um dos grandes defensores dos interesses da Colônia Blumenau. Os comentários que, de quando em vez, apareciam nos jornais, eram inspirados na luta travada por este grande batalhador pelo progresso da Colônia.

É-nos possível acompanhar a trajetória seguida por Gustavo Salinger, na sua luta em pról da construção da estrada da serra, como a chamavam. Já tivemos oportunidade de transcrever um artigo de fundo, onde é dirigido um apêlo aos blumenauenses, para apoiar, decididamente, a campanha iniciada com um abaixo-assinado, remetido ao govêrno do Estado, pelos moradores de Curitiba e Campos Novos. Assim, como representante de Blumenau, na Assembléa Legislativa do Estado, apresenta em novembro de 1887 (Bl. Ztg. nr. 46 de 12.11.1887) um projeto que prevê a criação de uma sociedade, de capital particular, para a construção da estrada Blumenau-Curitiba, o que viria, de alguma forma, não só beneficiar a Colônia Blumenau, mas possibilitar a ocupação das terras marginais da referida estrada. O projeto da constituição de uma sociedade é aceito, em votação, na Assembléa, no mês de dezembro de 1887, sendo que Gustavo Salinger, nessa época, já está organizando a sociedade, que viria a ter o nome de Companhia Construtora da Estrada Blumenau-Curitiba. Das atas desta Companhia, consta a seguinte declaração: "Na sessão geral, que teve lugar no dia 15 do corrente mês e depois de ter prestado suas informações e contas, a diretoria provisória, procedeu-se à eleição da diretoria definitiva da mesma Companhia, cujo resultado foi o seguinte: Gerente: Gustavo Salinger. Diretores: Paulo Schawarzer, Ricardo Voigt, Luiz Altenburg, Otto Stutzer. A mesma sessão resolveu convocar uma outra sessão geral para o dia 27 de maio do corrente ano, às 3 horas da tarde, na Casa dos Atiradores,

para o fim de contratar a construção da estrada com quem mais vantagens oferecer. Para informações dirija-se ao gerente Gustavo Salinger. Blumenau, 17 de abril de 1888. A diretoria". — Estava assim jogada a sorte da estrada e de Rio do Sul, igualmente.

No mesmo mês, em que estava assentada e eleita a primeira diretoria desta estrada, que já existia, em forma de um traçado para mulas, apresentou-se às autoridades em Blumenau, o tropeiro Antonio Cordeiro, que informou que saíra de Curitiba com 34 bois e que, destes, foram abatidos pelos bugres 20, ficando apenas com 14. E, na realidade, podia ficar ainda satisfeito, pois, nada lhe acontecera pessoalmente. No mesmo ano, recebeu a população de Blumenau a notícia, vinda da serra, de uma verdadeira chacina, que se verificara para o lado de S. Bento e onde pereceram de 60 a mais bugres. Mas vamos ao que nos informam: "No ataque por nós relatado a um reduto de bugres, no qual participaram cerca de 60 caçadores de bugres, os quais, acercando-se, à noite, a um ajuntamento de índios, a um só comando, descarregaram suas armas, mirando, cada um de per si, um bugre, sendo que efetivamente, na primeira salva, ficaram prostrados 30 bugres, mortos, e outros tantos feridos, os quais, posteriormente, foram liquidados implacavelmente, inclusive brancos e crianças, tanto assim que não sobrou uma alma sequer. Pelo fato de terem os bugreiros disparado, todos ao mesmo tempo, e comando, estabeleceu-se um grande pânico entre os bugres, que não se puderam mais aprestar para uma defesa. Mas o que exacerbou mais os brasileiros (bugreiros), e que contribuiu decisivamente para a liquidação total dos bugres, foi o fato de terem verificado que, em seu poder, se encontravam objetos pertencentes a brancos, vitimados pelos mesmos bugres, e que davam prova absoluta dos roubos e mortes praticados nos últimos tempos. Os objetos recolhidos e roupas encontradas, deram um testemunho certo das conclusões tiradas. O espanto foi tanto maior, quando verificaram que, entre os bugres mortos a pauladas, encontravam-se mulheres e crianças brancas, de olhos azuis, e que comprovaram a sua descendência germânica. Certamente, tratava-se de mulheres brancas raptadas que, juntamente com os filhos, foram impiedosamente sacrificadas, já que na escuridão da noite, não era possível distingui-los dos verdadeiros bugres, que foram mortos todos, sem distinção. Há muitos anos já, desapareceram de certas famílias, no campo, crianças, sem jamais se ter sabido o fim que levaram. Tratava-se de famílias de velhos imigrantes alemães, que perderam, assim, muitas crianças (meninas), que permaneciam presas pelos bugres, sem que alguém pudesse averiguar o seu verdadeiro paradeiro. Que eles foram roubados e levados pelos bugres, está agora comprovado, e certamente contribuirá para que a luta seja travada, daqui em diante, sem trégua e complacência. Embora esta medida possa parecer dura e cruel, deve ser reconhecido que, com os bugres, não se pode agir de modo diferente. Eles não se curvarão à civilização e se, em um ou outro caso, seja isso possível, então nada se terá alcançado ainda, pois, o bugre, em geral, herdará unicamente as más qualidades dos civilizados, mas jamais as boas. (Reform.n.r.172 e 175)". Esta chacina, talvez tenha sua origem num ataque que os bugres fizeram contra um grupo de caçadores de bugres, na fazenda "Butiá", na redondeza de Rio Preto, onde foram feridos 4, gravemente, e um outro caíra numa cova de anta, morrendo espetado. A estas covas dava-se o nome de foia e o bugre as armava, não para prender a caça grossa, mas para matá-la, representando assim um perigo que os caçadores tinham que ter sempre presente, nas suas batidas pelos matos. Fora as tentativas frustradas do Dr. Hermann Blumenau, até aqui nada mais ouvimos com referência à nossa cidade, que continua como uma bela adormecida, esperando o príncipe que a acordasse para a realidade. Esta realidade viria, sim, mas não já, como se pode supor e deduzir pelos documentos aqui publicados. Acontece que Blumenau, como o resto do Brasil, era sacudido pelo movimento de libertação dos escravos. Tivesse a agitação ficado circunscrita, apenas, à libertação, nada havia que pudesse perturbar a paz relativa, existente nesta velha colônia Blumenau que, na época, já influia, decisivamente, na política da Província. O jornal "Blumenauer Zeitung" defende, intransigentemente, a República, dando-nos conta, com um apêlo dirigido, em data de 11 de janeiro de 1890, ao povo de Blumenau, da atmosfera política ali reinante e que, de alguma forma, ia influir na paralização dos trabalhos na estrada da serra, da qual tudo dependia para esta região. Em 1888 promulgou-se a extinção da escravidão,

desaparecendo, assim, uma das manchas mais negras da nossa história. Um ano depois, em 1889, foi proclamada a República. A corte, à frente do velho imperador, e todo o ministério, acabaram no exílio. Com Deodoro no governo, começaram os desentendimentos. Renunciou este e assumiu a presidência o Mal. de Ferro, Floriano Peixoto.



Neologismo Blumenauense

Duas comerciárias, trabalhando em estabelecimentos diferentes, conversam, num ônibus, e descobrem, comparando os honorários de serviço, que uma delas assina ponto às 7,30, enquanto a outra é obrigada a fazê-lo, somente 15 minutos mais tarde.

— O quê? Você então trabalha menos tempo do que eu! exclama a prejudicada. Ou será que tem esta diferença porque nós temos 15 minutos, no horário da manhã, para **fristicar**?

Tôda dignidade, a outra responde:

— Lá isso não! **Fristicar**, nós também **fristicamos**.

Quem as ouviu, conheceu um vocábulo novo, pois é evidente que **fristicar** é a adaptação do verbo alemão "frühstücken" — fazer o lanche, no período da manhã.

Outrora, era uma refeição indispensável na vida dos blumenauenses, quando, então, a mesa era posta e servidos café com leite, pão, manteiga, linguiça e os afamados queijos feitos em casa, coalhada, ovos etc.

Na cidade, o costume foi abolido, ou substituído pelo cafêzinho. Funcionários e, principalmente, caixeiras, na sua cansativa tarefa de atender à freguesia, gostam de ter um intervalo de serviço, comendo um sanduiche trazido de casa, ou um pastelzinho, ou "cachorro-quente", num bar perto do estabelecimento do serviço, costume, afinal, generalizado em todo o país, mas que, em Blumenau, tem nome diferente: **fristicar**.

IGNORÂNCIA DO VERNÁCULO GERA MAL-ENTENDIDO

Da falta de prática do vernáculo, mesmo com vocabulário extenso e bem assimilado, resultam às vêzes, por falta de emprêgo certo do pronome, mal-entendidos de graves consequências.

Era comum, entre os blumenauenses, referindo-se a fulano, dizer-se, por exemplo: "esta é a sua casa", em vez de "é a casa dêle".

Assim, aconteceu que um cidadão de destaque da comuna blumenauense, em época agitada da vida pública, procurou o juiz de direito da comarca, em sua residência, dando-lhe conhecimento de um desagradável conflito político, culpando, da ocorrência, determinada pessoa.

O juiz, com intuitos conciliatórios, amenizando o significado do acontecimento e desculpando, até certo ponto, o acusado, do fato de ter agido de má fé, ciente das consequências do seu procedimento, recebeu a resposta do acusador, muito irritado:

— Não, senhor juiz! Foi tudo premeditado! Verdade se diga: a culpa foi tôda sua!

Surpreso, primeiramente, o juiz manifestou a sua indignação; em seguida, dizendo achar muito insolente a atitude do visitante e sobremaneira querer culpá-lo do ocorrido, pois, não tivera conhecimento prévio, nem interferência no caso, e que, se tentara desculpar, em parte, o acusado, fizera-o para diminuir a importância dada ao incidente, que tão preocupado deixara o visitante. Mas êle, o juiz, haveria de rebater a absurda acusação, e isso públicamente!

Estupefato ante a reação violenta do juiz, sempre tão comedido, e consternado com a insinuação de ter êle o inculpado do acontecimento que lhe levava ao conhecimento, o acusador se retirou, desorientado.

Contado o caso a um terceiro, desfez-se, finalmente o mal-entendido.

C.D.B.

O PADRE JOSÉ MARIA JACOBS

Gertrudes H. GROSS

Foi o primeiro vigário da paróquia de São Paulo Apóstolo de Blumenau.

Foi, também, o fundador do Colégio São Paulo, atual Santo Antônio e do respectivo internato.

Sua batina negra assentava bem na sua alta figura; seu rosto denotava profunda seriedade.

Lembro-me dele ainda muito bem. Meus pais chegaram a conhecê-lo durante a enchente de 1880 e, desde então, vez por outra, fazia uma visita à nossa casa. O fato deu-se assim: Quando, em julho de 1880, o tio Bruno Hering e minha mãe, em companhia de cinco filhos (os dois mais velhos tinham vindo com papai, no ano anterior), chegaram a Blumenau, vindos da Alemanha, aqui chovia muito e, dentro em pouco, o Itajaí ultrapassava as suas margens.

Papai não acreditava que houvesse uma grande enchente e procurava tranquilizar minha mãe. Até que uma manhã, a água estava em nosso quintal e continuava a subir. Só então, papai, com o auxílio de seu irmão Bruno, começou a transferir móveis e utensílios para o sótão. Mas o novo tear, que foi o comêço do desenvolvimento da nossa indústria, não pôde mais ser desmontado. Teve que ser deixado aos azares da sorte.

Enquanto as águas continuavam subindo sempre, mamãe, com as crianças (eu era levada ao colo) foi rua acima, ainda não tomada pelas águas, a procura de um asilo mais seguro.

É fácil imaginar o desespero de mamãe, diante da maneira com que os céus haviam preparado a nossa recepção numa terra estranha. E foi, com voz quase desesperada, que exclamou para o vigário, de pé, ao alto da escada que levava ao adro da igreja:

— Senhor padre, nós morreremos todos afogados!

— Nem tanto, senhora Hering. Suba com as suas crianças. Na nossa igreja ainda há muito lugar!

Ele nos acompanhou até ao alto. Já muitos moradores haviam procurado abrigo na igreja e o seu número ia aumentando de instante em instante.

Como um pai, o padre Jacobs cuidava de todos. Ele mandou cosinhar um panelão de feijão preto e assar pão de milho. Ninguém precisou passar fome e as suas palavras de confiança contribuíram para levantar o ânimo de todos.

Somente as noites, sôbre os duros bancos e sôbre o chão de pedras, deveriam ter sido medonhas, agravadas com a lembrança de como estariam correndo as coisas em casa.

Apesar de tudo, não faltou o lado cômico.

Assim, numa noite em que eu, deitada num banco, sob o qual o dentista Hertel se acomodara, de tanto rolar-me, caí-lhe sôbre a cabeça e êle, assustado, gritou:

— Céus, agora é que as gôtas engrossaram!

Tais momentos de humor concorreram para desanuviar o ambiente.

Aquêles dias de desgraça, criaram laços de amizade entre os refugiados e o padre Jacobs.

Assim é que, ainda anos depois, êle visitava meus pais, entretendo-se, com êstes, sôbre literatura e a situação mundial, assuntos de sua preferência.

Êle tomava-me, então, sôbre os joelhos, ocasião em que eu lhe observava atentamente as suas feições. Seus traços deixaram-me impressão tão profunda que eu poderia, ainda hoje, pintar o seu rosto grande e amorenado, os seus olhos escuros e a sua bôca pequena.

E porque duas das minhas irmãs frequentassem a "Escola do Padre Jacobs" os contatos tornaram-se mais respeitosos, sem perder a franqueza alegre. Nós, com as crianças maiores, ficamos conhecendo as salas de aula, quando eram representadas pequenas peças teatrais, em que as nossas manas tomavam parte. Também conhecemos o professor Pies e o professor Hermann e, igualmente, a madama Murphy, a caseira do Padre Jacobs e, ao mesmo tempo, prefeita do internato. Ela morava em companhia da cega Regina, uma orfã, na antiga capela de madeira. Essa Regina, que apesar da sua cegueira, sabia bordar e costurar, tinha um ouvido muito afinado. E graças a êle, pôde, certa vez, evitar um roubo na igreja. Seu ouvido sentira o fraco ruído e, dado o alarma, o ladrão fugiu.

Madama Murphy era viúva de um inglês que, à beira do mato, nas proximidades de Blumenau, foi atacado por um tigre, à noite, morrendo em consequência dos ferimentos recebidos. O rancho que êle, a mulher e o único filho habitavam, fôra construído com muitas frestas e o tigre (certamente idoso, que dificilmente, encontrava prêsas no mato) meteu a pata pelas frestas, através das quais farejara a vítima, e apanhou o homem, que dormia sossegadamente e com tanta infelicidade que o mesmo veio a falecer pouco depois.

"Madama", como a viúva era conhecida pelos alunos e pelos maiores também, encontrou acolhida, com o filho, na casa paroquial, e passou a exercer os encargos que lhe foram atribuídos, sempre taciturna, em completa misantropia. Nunca a gente a viu sorrir. O susto que tomou, quando o marido foi apanhado, dormindo ao seu lado, ficou-lhe para sempre estampado no rosto.

Como, naquêle tempo, o morro da igreja, com a escola, o internato e as demais construções, não estivesse ainda murado, podia-se ver a grande e severa figura da viúva, movimentando-se da igreja para a capela e desta para a casa paroquial, sempre daqui para ali.

A pequena casa paroquial não ficava muito distante da rua, num jardim algo agreste, junto ao qual estava o apiário. Padre Jacobs era também apicultor.

Certa vez, queixou-se êle de que os seus católicos eram cantores mediocres e como aproximava-se uma grande festividade religiosa, perguntou êle a meu pai se alguns dos membros do "Saengerchor" não poderiam também comparecer na sua igreja.

Papai foi ao encontro dos seus desejos e uma parte da Sociedade de Cantores (entre os quais êle mesmo e o tio Bruno) apresentou-se no domingo, na igreja, cantando, com os demais, no côro, os versos latinos do **Te Deum** e o "**Ora pro nobis**" que, uma semana mais

tarde, foi repetido na sua igreja evangélica também, em louvor de Deus, como faziam frequentemente. Tais relações de cordialidade entre fiéis de crenças diferentes, não detiveram, entretanto, o Padre Jacobs de, no domingo seguinte, tropejar, do púlpito, contra Luthero. Isso, entretanto, os protestantes não lhe levavam a mal, certos de que êle estava cumprindo o seu dever, sem faltar-lhes com a lealdade com que sempre os tratara.

Esqueci-me de mencionar, ainda, que o Padre Jacobs, pouco depois da enchente de 1880, encomendou ao meu irmão Paulo Hering, um trabalho importante: pintar a crucificação de Cristo para a igreja. Paulo desincumbiu-se do encargo, tão a contento do padre Jacobs que, além de lhe pagar o preço convencionado, deu-lhe uma expressiva carta de recomendação para Roma, ao monsenhor de Val, no Vaticano, a fim de que o portador pudesse prosseguir, nas igrejas dali, os seus estudos de arte religiosa, como pretendia.

O que meu irmão, como rapaz de 20 anos, passou em Roma, foi, mais tarde, registrado nas suas memórias.

Quando veio a lei, proibindo a realização de casamentos religiosos, antes do ato civil, o padre Jacobs a ela se opôs tenazmente. As advertências de nada valeram e a autoridade policial (de cujo nome não me lembro mais) viu-se obrigada a agir. O hoteleiro W. Gross, que era, então, suplente do delegado, foi encarregado de prender o padre. Êste, porém, escapara-se para Rodeio, homiziando-se entre os seus leais italianos.

Muito a contra gôsto, Gross empreendeu a viagem até lá, acompanhado de policiais. Como se deu a prisão, eu não sei; W. Gross nada contou a respeito. Sei, apenas que, num dia, quando brincávamos diante de uma casa vizinha de W. Gross, vimos passar dois carros de mola e, num dêles, estava sentado o padre Jacobs com os olhos parados. Não houve alvoroço popular, nem rostos curiosos. Dos olhos de mamãe, vi que as lágrimas corriam. Todos lamentavam o que acontecera.

O padre Jacobs agiu sempre lealmente pela sua religião. Embora, às vêzes, violento, mostrou sempre fôrça de carater e pode ser tido como mártir.

Nós nunca o pudemos esquecer.



ÂNGELO DIAS

De quando em quando, aqui em Blumenau, vem à baila o nome de Ângelo Dias. Ora é um vereador que se lembra de batisar, com o seu nome, uma das ruas da cidade; ora é um jornalista que, em tiradas laudatórias ao denodo, à coragem, à desambição do bom e simples caboclo brasileiro, recomenda seja o seu nome immortalizado em alguma obra de vulto, ou em placa de bronze, ligada a algum dos nossos monumentos públicos.

Quem foi Ângelo Dias?

Quase nada se sabe da vida dêsse caboclo itajaíense, além do que o dr. Blumenau dêle escreveu, em carta a amigos na Alemanha. Como é sabido, em 1848, o dr. Blumenau, antes de resolver a colonização do

Vale do Itajaí, promoveu uma viagem de exploração do rio e das terras ribeirinhas. Para tanto, e em companhia de seu amigo e sócio Fernando Hackradt, alugou duas canoas, com os respectivos canoeiros, conhecedores da zona e práticos de todos os perigos que se apresentavam à navegação no grande curso d'água. Numa delas, a que era dirigida pelo caboclo Ângelo Dias, embarcou o dr. Blumenau.

Quando chegaram na barra do Ribeirão da Velha, nas proximidades do escritório da Estrada de Ferro Santa Catarina, Hackradt ficou com o seu canoeiro, a fim de explorar os terrenos adjacentes, enquanto o dr. Blumenau, com Ângelo Dias, seguiu rio acima. Transpuzeram o salto (atualmente da Empresa Força e Luz) e, depois de vários dias de viagem, chegaram à Subida, de onde regressaram à confluência do "Velha". O simples fato de galgar as velozes e perigosas corredeiras do Salto, semeadas de escolhos e de perigos de tôda sorte, prova que Ângelo Dias não era um canoeiro qualquer. A empresa requeria, além de perícia, decisão e coragem. E, certamente, tais virtudes deveria possuir o pescador itajaiense, pois, é sabido que Blumenau era muito minucioso na escolha dos seus auxiliares e, certamente, antes de tomar Ângelo Dias para seu companheiro e guia da viagem, deve ter-se informado bem da sua capacidade e demais predicados.

Sabe-se, pelas cartas do dr. Blumenau que, ao chegarem, êle e Ângelo Dias, à confluência do Rio Benedito, o último negou-se a continuar a viagem, rio acima, por ter-se exgotado a provisão de cachaça, "combustível" sem o qual o "motor" de Ângelo Dias não funcionava. Não se sabe como foi que o dr. Blumenau conseguiu resolver o impasse; se pela persuasão, ou por ter conseguido arranjar a "água que passarinho não bebe". Isso não seria impossível, dado que, ao que tudo indica, já naquela época, as proximidades da embocadura do rio Benedito, contavam com alguns habitantes caboclos que, mais que provavelmente, possuíam engenho de açúcar e alambique. O fato é que os exploradores chegaram até Subida, onde o rio, pelas suas muitas corredeiras e saltos não mais oferece possibilidade de navegação.

Isso é tudo quanto a história de Blumenau registra sobre Ângelo Dias. De uma busca nos livros de assentos de batizados, casamentos e óbitos da matriz de Itajaí, certamente resultarão outros dados a respeito da vida dêsse obscuro canoeiro. Sabemos, também, que êle era freguês da venda de Luís De Moro, ou Demoro, tanto assim que, naquêle mesmo ano de 1848, tendo sido iniciado o inventário procedido por morte de dona Rita Bernardina, espôsa daquêle negociante, Ângelo Dias figurava entre os devedores do espólio, com a quantia de 24\$000. É verdade que alguns graúdos da época, como Bento Malaquias da Silva, Manoel Correia de Negreiros, José Coelho da Rocha (que doara o terreno para a matriz velha de Itajaí e outros, eram devedores de quantias muito maiores).

Seja como fôr, Blumenau não deve esquecer o nome de Ângelo Dias, que poderia figurar muito bem, e com inteira justiça, em uma das ruas da nossa cidade, como uma eterna lembrança da primeira exploração do Itajaí-Açu pelo Dr. Hermann Blumenau.

15.º – JOÃO KERSANACH (1930 a 1931)



A notícia da eclosão do movimento revolucionário que, em 1930, transformou, completamente, a fisionomia política da nação, chegou a Blumenau a 4 de outubro. Os responsáveis pela administração do município reuniram-se, no mesmo dia, na sala das sessões da câmara municipal, a fim de assentar as providências que se faziam necessárias para atender ao telegrama do governador Adolfo Konder, que solicitava a constituição de batalhões de voluntários para fazer-se frente às tropas sublevadas, que já marchavam sobre as fronteiras do nosso Estado com

o do Rio Grande. Nessa reunião, a que estiveram presentes, entre outros, o juiz de direito, Dr. Amadeu da Luz, o prefeito Curt Hering, vereadores e outras autoridades civis e militares, ficou assentado que Blumenau cruzaria os braços. Se a revolução vencesse, seriam bem-vindos os revolucionários. Se o governo se saísse bem da refrega, continuaríamos apoiando a situação. Uma decisão dessas, equivalia a entregar a direção do município aos elementos que, aqui, já de alguns anos, faziam oposição às autoridades constituídas, entre as quais se destacavam João Kersanach, Figueiredo, Jacó Schmitt e muitos outros. Dias depois, as forças rebeldes descem a serra, em direção à capital do Estado, onde o governo se preparava para uma resistência cruenta. As que passaram por Blumenau e aqui permaneceram por algum tempo, estavam sob o comando do Capitão Mancebo que assumiu o governo do Estado, fazendo de Blumenau a sua capital e dando outras providências. Passaram, depois, as forças que ocupavam o município para o comando do coronel José Severiano Maia que, a 13 daquele mês, intima o sr. Curt Hering a entregar o governo ao prefeito nomeado pela revolução, sr. João Kersanach.

No número 1, do segundo tomo destes "Cadernos", já foi publicada a ata dessa memorável ocorrência.

Kersanach, como era natural, teve que enfrentar problemas muito sérios, decorrentes da completa mudança que se verificava na vida política e administrativa do país. Não pôde, por isso, pensar em realizações outras que não as relacionadas com a manutenção da ordem e o ajustamento dos ideais revolucionários à realidade presente.

Não cabem, neste ligeiro registro, referências aos primeiros meses de Blumenau sob a revolução vitoriosa, e à atuação de seus líderes locais.

Kersanach esteve à frente dos negócios municipais até 6 de janeiro do ano seguinte (1931), tendo, assim, governado, apenas, pouco mais de dois meses, quando passou o exercício ao sr. Antônio Cândido de Figueiredo.

João Kersanach nasceu em Brusque a 23 de julho de 1895, no mesmo ano em que seus pais, João Kersanach, natural de Fiume e de sua esposa Olga, natural de Chemnitz, na Saxônia, mudaram-se para Itajaí. Ali fez ele os seus estudos. Viúva, dona Olga Kersanach veio para Blumenau com a família e aqui, em 1920, adquiriu de Francisco Mais, o estabelecimento denominado "Casa Pernambucana", sito na rua 15 de novembro, proximidades da atual Casa Lorgus, onde Kersanach instalou, depois, uma torrefação do Café "Coroa". Em 1933 deixou definitivamente Blumenau, residindo em Pôrto Alegre e no Rio de Janeiro. É casado com dona Maria Sachtleben, de quem houve quatro filhos, dois dos quais já falecidos.



LUÍS DE MORO (ou Demoro, como passaram a se assinar os seus descendentes), era comerciante em Itajaí, nos meados do século passado. Era súbdito italiano, mas recebera carta de naturalização de cidadão brasileiro, em junho de 1852. A 27 de agosto de 1847, faleceu sua esposa Rita Bernardina de Moro, deixando três filhos: Manoel, de 5 anos, João de 2 e Rita de 6 meses. Entre os bens que foram, então, a inventário, constavam: 80 patações de 1\$920, um cordão de ouro de 7 palmos por 100\$000, um anel de ouro com pedra de brilhante por 50\$000, outros anéis, brincos, correntes, etc.; 3 vacas, uma mulatinha de nome Manuela, com 13 meses, avaliada em 100\$000; uma crioulnha de nome Joaquina, de 2 anos de idade, por 150\$000; uma crioulnha de nome Maria, de 4 anos, por 200\$000; uma escrava, Catarina, de 20 anos, por 600\$000 e um escravo, Joaquim, de nação Congo, de 19 anos, por 600\$000. Vários terrenos entraram também nesse inventário, cujo montante foi de 7:425\$000, uma fortuna regular para o tempo.



CARLOS LINGNER, conhecido regente da banda de música, que tinha o seu nome, e que era tida como uma das melhores para os bailes que se realizavam nos vários salões do município, nos últimos anos do século passado e nos primeiros destes, foi, em 1893, com a tropa sob o comando de Hercílio Luz a Destêrro, como seu corneteiro. Essa tropa depôz, a 31 de julho, o governador Eliseu Guilherme e empossou, no mesmo cargo, o dr. Hercílio Luz, que havia sido proclamado governador de Santa Catarina, pela câmara municipal de Blumenau, dias antes.



EM 1871, a população de Blumenau, como a de toda Santa Catarina, rejubilava-se com a perspectiva de uma estrada de ferro, que seria construída, partindo de São Francisco do Sul, através o litoral catarinense, até Pôrto Alegre, passando por Blumenau. Realmente, o decreto de 10 de fevereiro daquele ano autorizou a sua construção. Foi a mesma contratada pelo engenheiro Sebastião Antônio Rodrigues Braga. Este, entretanto, mais tarde, transferiu o contrato a uma companhia inglesa (em cuja transação, diz-se, ganhou um milhão de cruzeiros). Depois de feitos os estudos, o projeto foi suspenso e a companhia indenizada, recebendo, a título de pagamento pelos estudos, mais de 5 milhões de cruzeiros. O traçado cobria a área de 717 quilômetros. Era a Estrada de Ferro Dom Pedro I.

BLUMENAU PITORESCO



Digam o que quiserem os corifeus da mal-empregada “bossa-nova”, dos domínios da arquitetura, em defesa dos seus pontos de vista, o fato é que o prédio da Prefeitura Municipal de Blumenau é um mimo que muito acrescenta, em beleza e poesia, ao cenário maravilhoso em que a nossa *urbs* se situa.

Construído em 1939, sob planos estudados criteriosamente, e que mereceram entusiástica aprovação de um dos maiores urbanistas da época, o dr. Gladosch, êsse prédio obedeceu, talvez, menos ao critério da comodidade, de uma perfeita instalação dos serviços a que fôra destinado, do que ao da harmonia com a paisagem ambiente, a consonância com o carater próprio da nossa cidade, o seu estilo arquitetônico, as suas peculiaridades.

Cidades há muitas centenas por êste Brasil à fora. Cidade como Blumenau, porém, dificilmente se encontrará outra.

Porque, pois, teimar em fazer de Blumenau uma cidade comum, igual às demais, quando poderemos conservar, melhorando-a sempre, a originalidade que a caracteriza, na sua natureza e nas suas construções?

Porham, em lugar do atual prédio da Prefeitura, um dêsses horríveis caixões de cimento armado, por muito sólido e confortável que êle seja, e digam-nos, depois, se Blumenau não perdeu muito do seu pitoresco, da sua atração, da sua poesia, da sua beleza, da sua harmonia.

Engenheiros de renome, do departamento de urbanização da capital paulista, que, há meses atrás, nos visitaram, não puderam deixar de criticar o mau gôsto de certos proprietários da rua 15, nas suas construções recentes. E fizeram-nos a mesma pergunta: Porque fazer Blumenau igual às outras cidades, quando, no seu estilo e na sua paisagem, pode ser a cidade mais linda do Brasil?

Pensem nisso aquêles que alimentam a idéia de substituir o atual prédio da prefeitura por um dêsses inexpressivos e grotescos blocos de concreto.

UMA DATA NA HISTÓRIA DE INDAIAL

Nêste mês de outubro, está fazendo 67 anos que o então distrito de Indaial foi elevado à categoria de município.

Foi, entretanto, uma situação que não perdurou por muito tempo, pois, dera-lhe origem a desenfreada politicagem, então reinante no município de Blumenau. Nêste, a que o distrito de Indaial pertencia, maragatos e republicanos travavam luta das mais violentas, tendo, até mesmo, havido derramamento de sangue. Hercílio Luz, Bonifácio Cunha, Feddersen e outros chefes republicanos sustentavam, entusiasticamente, a causa de Floriano, enquanto Elesbão Pinto da Luz, acompanhado de Faust, Engelke, Fritz Mueller e outros estavam do lado do Tenente Machado, governador de Sta. Catarina, que rompera com Floriano e que êste procurava hostilizar de todo jeito.

No propósito de ferir os republicanos que lhe faziam cerrada campanha, até mesmo pelas armas, o govêrno do Estado lançou mão dêsse recurso, mais tarde reproduzido, de dividir Blumenau, diminuí-lo geograficamente, para dobrá-lo na política.

E foi, então, que a lei n.º 92, de 4 de outubro de 1892 desmembrou o distrito de Indaial, elevando-o a município e a sua séde à vila. Ao mesmo tempo, o distrito de Gaspar foi incorporado ao município de Itajaí.

Mas o município não foi instalado e isso, certamente, em consequência da atmosfera carregada de ameaças de represálias que poderiam estourar a cada instante.

Deu-se, porém, o 28 de julho de 1893 e o 31 de julho do mesmo ano e o substituto do Tenente Machado, o vice-governador Eliseu Guilherme foi depôsto pelas fôrças blumenauenses, no memorável ataque ao palácio governamental em Destêrro. Hercílio Luz sobe ao govêrno do Estado e trata, logo, de desfazer os atos de perseguição praticados pelos seus adversários, quando na chefia da administração.

E o decreto 189, de 29 de maio de 1894 repõe as coisas em seus lugares. Indaial volta a ser distrito de Blumenau, e Gaspar incorpora-se a êste, novamente, terminando, assim, uma aventura que custou muitos aborrecimentos e muitas lágrimas aos políticos de então.

“Blumenau em Cadernos”

MENSARIO DEDICADO A HISTÓRIA E AOS INTERESSES
DO VALE DO ITAJAÍ

Assinatura (12 números) Cr\$ 120,00

Número avulso Cr\$ 15,00

Administração e responsabilidade de LUIZ FERREIRA DA SILVA.

Tôda correspondência deverá ser dirigida a

Caixa Postal, 425

BLUMENAU — S. CATARINA

OUTRA DISTINÇÃO A GASPAR



O Vale do Itajaí vem de ser honrado com mais uma grande distinção na pessoa de um dos seus ilustres filhos.

O sacerdote franciscano, frei Carlos Schmitt, natural de Gaspar, foi escolhido, pela Santa Sé, para ocupar o trono episcopal da Diocese de Dourados, em Mato Grosso, vago com a transferência de Dom José Aquino Pereira para a diocese, recém-criada, de Presidente Prudente.

A escôlha do Vaticano recaiu num sacerdote de vida exemplar, de extraordinária atividade no campo espiritual e, ao mesmo tempo, um extraordinário impulsor do progresso material das populações confiadas ao seu zelo pastoral.

Com êste, sobe a três o número de sacerdotes, naturais do Vale do Itajaí, elevados à dignidade episcopal, sendo o 11.º bispo, filho de Santa Catarina. Os outros dois itajaienses são Dom Daniel Hostim, primeiro bispo de Lajes e Dom João Batista Costa, bispo de Pôrto Velho, no Amazonas, natural de Luís Alves.

A eleição de Dom Carlos Schmitt é mais um esplêndido fruto do apostolado que os padres franciscanos (secundados, de alguns lustros a esta parte, por outras congregações religiosas) vêm desenvolvendo no Vale do Itajaí, onde a sua atuação tem sido das mais benéficas ao desenvolvimento material e ao aperfeiçoamento espiritual da sua laboriosa população.

O novo bispo de Dourados é filho de Nicolau Schmitt, descendente dos primeiros imigrantes alemães, chegados a Santa Catarina em 1829, para a Colônia São Pedro de Alcântara, e de sua espôsa, dona Cecília Hostin, irmã do atual bispo de Lajes, D. Daniel e descendente dos colonos belgas que, em 1847, vieram para o estabelecimento fundado pelo engenheiro Van Lede, nas margens do Itajaí-Açu.

Nascido a 27 de janeiro de 1919, o sétimo de nove irmãos, Dom Carlos Schmitt, depois de cursar a escola Paroquial de seu torrão natal, ingressou, em 1931, no seminário menor de Rio Negro, Paraná. Completou os estudos secundários em Vlodrop, na Holanda, onde permaneceu de 1934 a 1938. Regressando, nesse ano, ao Brasil, recebeu o hábito da Ordem Franciscana, a 11 de julho de 1938, no convento de Rodeio, onde fez o noviciado. Completou os estudos superiores em

Curitiba e Petrópolis, tendo sido ordenado sacerdote, nesta última cidade, a 28 de novembro de 1943.

No ano seguinte, terminou os seus estudos de teologia e foi aprovado para o exercício da cura d'almas.

Com o curso especializado para missionários populares, feito sob a direção de Dom Felício Vasconcelos, dedicou-se à pregação de missões. De 1946 a 1954 foi professor e prefeito de disciplina nos seminários menores de Luzerna e Rodeio, em Santa Catarina, e Guaratinguetá, em São Paulo.

Em 1955, tendo sua sede em Florianópolis, atuou como missionário em Santa Catarina. Eleito, em 1956, para o cargo de superior e vigário da paróquia de Xaxim, no oeste catarinense, exercia ainda êsses altos postos, quando foi surpreendido com a sua elevação à dignidade episcopal.

Dom Carlos Schmitt foi sagrado em Roma, a 28 deste mês de outubro, pelo próprio Papa João XXIII. Desejando S. Santidade comemorar o aniversário de sua elevação ao pontificado, com a sagração, por suas próprias mãos, de um bispo de cada continente, Dom Carlos Schmitt foi o americano a que tocou a insigne honra.

Depois de seu regresso de Roma e antes de tomar posse de sua diocese, Dom Carlos pretende visitar a sua cidade natal, em cuja imponente matriz, um dos mais belos templos do Vale do Itajaí, celebrará solene pontifical.

A posse do novo bispo de Dourados se dará a 8 de janeiro de 1961.

Os nossos parabéns a Dom Carlos Schmitt e as nossas congratulações aos reverendos franciscanos da província do Sul, pela distinção com que foram honrados e à Diocese de Dourados, que poderá contar com um pastor sábio e prudente e a quem Deus, certamente, ajudará a fazer uma administração à altura das esperanças, que todos alimentamos, na capacidade e virtudes do novo prelado.

E parabéns, igualmente, à paróquia de Gaspar, a grande homenageada com a eleição de Dom Carlos.



POR decreto provincial de 1858 e 1859, a colônia Blumenau e a circunscrição de Gaspar foram elevados à categoria de distritos de paz. Mas, tanto um, como outro desses lugares, não dispunham de pessoas em número suficiente para serem eleitores e para os respectivos cargos distritais, de sorte que a instalação dos distritos teve que ser transferida para data mais própria.



COMO se sabe, em 1860, a colônia Blumenau, que fôra propriedade particular do dr. Blumenau, passou para o domínio e administração do governo imperial. Com a instalação da nova administração, o dr. Blumenau, que continuou como seu diretor, nomeou os seguintes auxiliares: Guarda-livros e sub-diretor: Hermann Wendeburg; agrimensor Johan Breithaupt; pastor evangélico Oswaldo Hess; vigário católico: Padre Alberto Gattone (morador em Gaspar); médico Dr. Bernardo Knoblauch; delegado de polícia: Guilherme Friedenreich.

ESCREVE:

CHRIST. DEEKE

Aconteceu...

Christiana Deeke BARRETO

O caso "Martin Bormann" agita a opinião pública da região, em virtude de diligências da polícia, em torno de pressuposta pista, tendo repórteres do "Diário da Noite" do Rio de Janeiro, publicado artigos insinuando que o ex-carrasco nazista teria se refugiado em nosso Estado, vivendo sob identidade falsa entre antigos adeptos do regime hitlerista, tachando clubes recreativos da nossa região, mórmente os de bolão (boliche), de agremiações políticas camufladas, ocasionando esta afirmação repulsa e indignação entre praticantes deste esporte, tanto de brasileiros de origem germânica, que nunca participaram de instituições políticas ou partidárias alemãs, como dos muitos brasileiros lusos, integrantes de clubes do respectivo esporte. — Na Câmara Municipal repelem e condenam tôdas as bancadas ali representadas, as acusações absurdas à população local.

Referente ainda na imprensa local ao Curso de Psicologia, patrocinado pelo SESI, com as apreciadas conferências do Dr. Vilhena de Moraes e Dra. Ailsa Barbosa de Araujo, quando, finalizando, em fins do mês passado, houve interessante pleito para eleição de orador e oradora para a sessão de encerramento, saindo vencedores os candidatos Frei Waldemar do Amaral O.F.M. e Irmã Ida, da Ordem da Divina Providência, professora do Colégio Sagrada Família.

4/5 — A paróquia de São Paulo Apóstolo de Blumenau, que celebra a sua festa paroquial, anualmente, no domingo do Espírito Santo, inicia as festividades, este ano, já sábado à tarde, colaborando tôda a população cidadina, destinando-se os lucros à tarde, construção da torre e escadaria da linda nova Igreja Matriz, monumento arquitetônico do qual todos os blumenauenses se ufanam, tendo atingido o lucro li-

quido de Cr\$ 1.627.158,00. Foram festeiros os casais: Paulo A. F. Melro, Hêlvys Mello, Luiz Souto e Mauricio Luiz Kreibich.

5 — Em acidente de trânsito ocorrido no bairro de Itoupa Sêca, em frente da sede do SRE Ipiranga, chocando-se uma bicicleta e motocicleta, perde a vida o jovem Onsy Jensen, enquanto o ciclista, Aloisio Wippel, sofre consequências menos graves.

7 — O noticiário local faz publicidade sôbre uma "Churrascada de confraternização, organizada por iniciativa e orientação do Cel. Heitor de Vasconcelos, Cmte. do 23.º R.I., com o objetivo de aproximação da sociedade civil à corporação militar, falando, entre os muitíssimos convidados, sempre um representante das respectivas classes profissionais.

8 — Ocorre o falecimento do Sr. Pindoro Tasso Jatahy, consul geral do Brasil que, por mais de trinta anos, serviu como consul brasileiro na Alemanha e na Espanha, progenitor do Sr. Carlos Ubiratan Jatahy, residente nesta cidade, saindo o féretro, no dia seguinte da capela do Hospital Sta. Catarina ao Cemitério evangélico.

11 — Com a inauguração de uma exposição regional, iniciam-se as brilhantes festividades comemorativas do Centenário da instalação do vizinho Município de Itajaí, ocorrida a 15 de junho de 1860, aumentando o esplendor dos festejos a participação de três unidades da Marinha de Guerra, o navio hidrográfico "Almirante Saldanha" e contra-torpedeiros "Baúru" e "Beberibe".

12 — Oficiais da Marinha de Guerra, da organização dos navios ancorados no pôrto de Itajaí, que participam dos festejos visitam a nossa cidade fazendo visita de cortezia ao Sr. Prefeito Municipal, em cuja companhia percorrem, depois, a cida-

de, visitando pontos pitorescos e algumas fábricas locais.

13 — Com a avançada idade de 93 anos falece a Vva. Helga Baier, pertencente à tradicional família catarinense, ligada por laços de parentesco à conhecida figura da colonização de Blumenau, o arquiteto Henrique Krohberger, deixando vasta descendência em nossa cidade e outros centros do país.

17 — O “Lions Clube” patrocina a sessão avant-première do filme “Meus Amores no Rio”, vendendo as entradas a Cr\$100,00, para finalidades beneficentes, destinando uma parte do lucro ao Instituto de Cegos em Pôrto Alegre e outra à Associação dos Escoteiros de nossa cidade.

18 — Pela primeira vez em nossa cidade é realizado o Desfile “Bangú”, no Teatro Carlos Gomes, quando é escolhida “Mis Bangú de Blumenau”, título concedido à simpática srta. Margit Faber, enquanto a srta. Jucira Marques Vieira conquista a suplência e a srta. Zaira da Silva recebe menção honrosa pelo vestido mais bonito.

19 — No vizinho Município de Gaspar inaugura o Sr. Governador Heriberto Huelse, entre outras obras do Governo Estadual a importante ponte sôbre o Itajaí-Açu, que recebeu o nome “Hercílio Deekê”, preito de reconhecimento do povo daquêlê Município ao desvêlo do homem público pelos problemas da região, contando a solenidade com a presença de milhares de pessoas.

A Câmara Municipal aprova o projeto do Sr. Prefeito Municipal, para contrair um empréstimo de cinco milhões para melhorar o serviço de água, com apólices resgatáveis a partir do 2.º ano, com juros até 12%.

24 — Com o término do alistamento eleitoral, publica-se sôbre o êxito absoluto da recuperação dos títulos da zona, necessidade imposta pela destruição do inventário do Cartório Eleitoral com os respectivos fichários, pelo incêndio de novembro de 1958, no prédio da Prefeitura Municipal, na ala do Forum. Ressaltam as notícias o empenho do Dr. Marcílio Medeiros, M.M. Juiz de Direito

da 1.ª Vara da nossa Comarca, e juiz eleitoral da 3.ª zona, que abrange os municípios de Blumenau, Gaspar e Pomerode. A Assembléia Legislativa do Estado, dias depois, por indicação do deputado blumenauense Aldo Pereira Andrade, congratula-se com o benemérito magistrado, pelo resultado dos esforços empreendidos na campanha, por êle encetada, com a colaboração dos seus auxiliares e apóio da imprensa.

— Vem a lume nova revista catarinense, lançada sob a orientação do conhecido jornalista de Rio do Sul, Lucy Fiuzza Lima, conhecido pelo pseudônimo “Cygana”. “Nossa Revista” tratará dos assuntos do Vale do Itajaí e do Planalto, até Curitibaanos.

Segundo repetidas notícias no jornal “A Nação”, não estão sendo observados os dispositivos do Regulamento de pesca, instituído em proteção aos serviços de peixamento do Rio Itajaí-Açu, onde técnico do Ministério da Agricultura largou, recentemente, valiosos reprodutores de “dourados”, proibindo a pesca de outras técnicas, além do anzol, para assegurar a procriação dêstes peixes, que virão a contribuir decisivamente para o abastecimento do nosso mercado de peixe, dizendo as respectivas notícias que os pescadores continuam usando rêdes e tarrafas, constando já terem sido pegados dois alevinos de dourados, soltos logo em seguida.

Continua o flagelo da sêca com o racionamento de energia elétrica, representando pesado prejuízo econômico para a região, interrompido apenas, durante poucos dias, em consequência de alguns dias de chuva.

A temperatura mais amena, no princípio do mês, após o início do inverno, com frio intenso, já a 21 de maio, baixa novamente, (depois de alguns dias de chuva e conseqüente ventania, a 17 do corrente, cuja fúria, em Itajaí, derruba um galpão, vitimando dois operários) para frio muito forte, ocorrendo geadas nos arredores da cidade e todo o vale do Itajaí, e dias radiosos e noites estreladas, até que, com manhãs de cerração baixa, a temperatura sobe novamente, alguns graus.

**IMPRESSOS
EM GERAL**

GRÁFICA 43 S/A INDÚSTRIA
E COMÉRCIO

OFICINAS E ESCRITÓRIO :

RUA 7 DE SETEMBRO, 10

CAIXA POSTAL, 90

TELEGRAMAS: "IMPRESSORA"

BLUMENAU — **Sta. Catarina**

LITOGRAFIA

FOTOLITOGRAFIA

OFFSET

TIPOGRAFIA

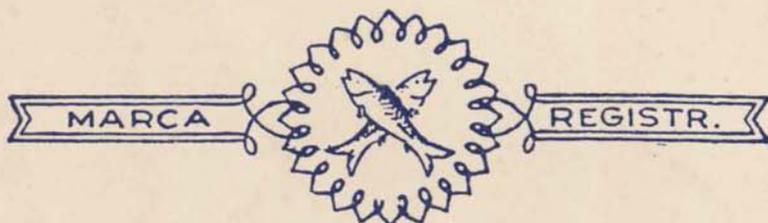
— : o : —

FABRICAÇÃO DE CAIXAS DE PAPELÃO

CONSULTEM OS NOSSOS PREÇOS

INDÚSTRIA TÊXTIL COMPANHIA HERING

BLUMENAU — Estado de Santa Catarina — BRASIL
RUA HERMANN HERING, 1790 — CAIXA POSTAL N.º 2
TELEGR.: "TRICOT"



Fábrica de Artefatos de Malhas

FUNDADA EM 1880

CONTRIBUINDO PARA A

GRANDEZA DO BRASIL

EM SEU COMÉRCIO

E INDÚSTRIA